

EUTANÁSIA ANIMAL: UM DILEMA ÉTICO

BALDINI, Jaine Dall Alba¹
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata²

RESUMO

A eutanásia é um procedimento comum na clínica médica de animais de companhia. Se trata de um método no qual o médico veterinário tem a função de cessar a vida do paciente por meios que não gerem dor, desconforto ou mais sofrimento para o animal. Contudo ao realizar esse procedimento os profissionais se colocando diante de problemáticas éticas, que podem levar a um problema de saúde psicológica. Portanto a pesquisa buscou investigar dentre os profissionais que atuam em clínicas médicas na cidade de Cascavel-PR, quais os conflitos morais que os entrevistados enfrentam durante a tomada de decisão da eutanásia. Ao final da pesquisa foi identificado que a grande parte dos profissionais participantes deparam com dilemas éticos que em sua maioria podem levar a sentimento de tristeza, culpa e incapacidade resultando em problemas psíquicos.

PALAVRAS-CHAVE: eutanásia, médicos veterinários, paciente, tutor, psicológico

1. INTRODUÇÃO

A eutanásia é um procedimento de indução da cessação da vida do animal utilizando métodos tecnicamente aceitáveis e cientificamente comprovados, observando sempre os princípios éticos, utilizando métodos indolores que conduzam rapidamente à inconsciência e morte (ARAGÃO, 2012)

A classe de médicos veterinários é muito cobrada e pouco valorizada no que tange a esse assunto. Considera-se que a eutanásia em animais de companhia afeta a parte emocional e psíquica dos envolvidos no procedimento, gerando alguns transtornos, como, síndrome de burnout, distúrbios emocionais e maiores índices de suicídio com relação a outras profissões da área da saúde.

Deste modo, foi estabelecido como problema de pesquisa a seguinte questão: quais transtornos psicológicos os médicos veterinários podem desenvolver durante um ato de eutanásia? Portanto visando responder ao problema proposto, foi estabelecido uma pesquisa, com o objetivo de pesquisar junto aos médicos veterinários na Cidade de Cascavel/PR os efeitos que o procedimento da eutanásia em animais de companhia causam nesses profissionais. De modo específico, este estudo buscou: selecionar entre os médicos veterinários de Cascavel os que participarão da pesquisa; aplicando um questionário semi-estruturado nos profissionais; tabular os dados encontrados e concluir quais os efeitos que a eutanásia provoca nesses indivíduos

¹ Aluna do último período de Medicina Veterinária do Centro Universitário FAG. E-mail: jainedallalba542@gmail.com

² Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: eduardo@fag.edu.br.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O significado de eutanásia segundo a literatura é uma morte humanitária ao animal, praticando uma inconsciência rápida e posteriormente a morte do animal sem indícios de dor, agonia ou sofrimento, sendo realizado por meio da utilização de drogas anestésicas em doses que vão causar perda da consciência. O termo eutanásia vem do grego que significa BOA MORTE – eu (bom) tanásia (morte) (AVMA, 2001).

No século XIX, com a teoria da evolução das espécies, Charles Darwin defendeu que o homem não se encontrava em categorias morais muito distintas dos animais, sendo desta maneira mais parecidos do que jamais antes imaginado, afirmando que os animais também sentiriam dor, prazer, alegria e tristeza. Porém apenas no século XX se revelou a necessidade de consideração a todos os seres vivos, ressaltando ao mesmo valor da vida humana.

A eutanásia animal deve ser indicada e realizada em casos de ameaça à saúde pública e/ou a fauna nativa; animais que são usados para fins de pesquisas e experimentos e quando o bem-estar do animal estiver comprometido, não tendo meios de eliminar sua dor, por meio de drogas medicamentosas ou outros tratamentos, porém deve ser deixar esclarecidos que essa medida só será tomada caso não se tenha mais nenhuma possibilidade ou alternativa que possa salvar ou eliminar a dor do animal. Considerando que os animais são seres vivos, que como os humanos respondem a estímulos dolorosos, o conselho federal de medicina veterinária organizou e padronizou esses métodos para que não fossem usados de maneira errônea e indiscriminada (CFMV, 2012).

De acordo com Faraco (2008) a relação entre seres humanos e animais é definida como uma ligação e união positiva, visto que melhora as interações emocionais, psicológicas e físicas para ambos. O apego entre animal e tutor é relatada e comprada na literatura como o apego de uma criança com sua mãe ou pai (GRANDIN; JOHNSON, 2006).

Os animais fizeram e fazem parte de todas as partes da evolução e culturas dos seres humanos, dessa forma o contato com os animais de companhia é uma ligação entre o passado e o atual, em que os homens trocam o campo pela cidade (MANUCCI, 2005). Dessa forma o aumento de número animais de companhia sendo considerados membros da família, se dá pelo aumento de expectativa de vida humana e animal, por cada vez mais pessoas estarem morando sozinhas, e adiando ou optando por não ter filhos (GARCIA, 2005). Os animais de companhia são capazes de viverem com humanos de forma afetuosa e solidária, quando introduzidos em um berço familiar humano, sendo reconhecidos como membros da família. Compartilhando suas rotinas, aumentando o estado de felicidade significativamente, melhorando suas qualidades de vida, reduzindo alguns sentimentos como, ansiedade, solidão e tristezas (HOROWITZ, 2010). Alguns estudos comprovam que os animais de

companhia podem ajudar em casos de traumas, como abusos e que em alguns casos os animais podem ser usados em seções de terapia, pois facilitam o vínculo, a comunicação, sendo uma relação positiva para o tratamento (BEKOFF, 2010).

Mediante ao fato dos animais serem considerados membros da família, seu falecimento pode causar intensa dor e sofrimento aos seus tutores, portanto o médico veterinário, em situações críticas do paciente ou em estado terminal que será necessário a realização do método de eutanásia, tem a responsabilidade de manter o proprietário informado sobre todas as decisões de tratamento disponíveis, e explicar sobre a eutanásia, caso seja considerada. Visto que o tutor decida pelo método de interrupção do sofrimento do paciente, deve se avaliar quando será realizado o procedimento, e se os tutores do animal estarão presentes no momento. O médico veterinário deve explicar todo o procedimento e apoiar os familiares, passando sentimentos de conforto, já que se foi feito o melhor para o paciente, não deixando dessa forma que os proprietários se sintam culpados por optarem pela eutanásia (HEIBLUM; TEJEDA, 2007).

Quando discute-se especificamente de eutanásia na clínica médica de pequenos animais de companhia, é importante ressaltar alguns critérios adotados para sua indicação e realização, segundo Luna e Teixeira (2007), o estado de saúde do animal deve ser rigorosamente avaliado pelo médico veterinário, visto que as condições do animal podem estar causando muito sofrimento, uma vez que a manutenção da sua qualidade de vida está comprometida, o privando das realizações de suas necessidades básicas, como em doenças em estado terminal, neoplasias e indivíduos em idade avançada.

Luna e Teixeira (2007) ainda relatam que em casos de animais com comportamento agressivo extremo, portadores de doenças zoonóticas ou em casos em que se tem o tratamento do paciente, porém o tutor não tem condições financeiras de custear, a eutanásia deve ser indicada.

A classe de médicos veterinários são os únicos profissionais de saúde no Brasil, que são legalmente autorizados a praticar eutanásia (FONSECA, 2010). É importante ressaltar que durante o procedimento deve se seguir os conceitos do bem-estar animal, reduzindo ou eliminando dor e desconforto, por meio de métodos indolores, assegurar a perda da consciência posteriormente a sedação e que a depressão cerebral provocada pelos meios utilizados que devem sempre antecipar a parada cardiorrespiratória., é imprescindível que se tenha o mínimo possível de contenção do animal, reduzindo dessa forma a excitação, garantir que outros animais não estejam observando a intervenção, deve-se realizar o procedimento de acordo com as características fisiológicas e anatômicas de cada espécie, levando em consideração a idade e o estado fisiológico do indivíduo, devendo assegurar que o paciente sinta o mínimo de medo e ansiedade possível, de maneira segura e irreversível.

É dever do médico veterinário realizar o ato de forma humanitária e prontamente confirma a morte do animal, através da ausência de movimentos torácicos, sinais respiratórios, batimentos cardíacos, constatado por meio do uso do estetoscópio e ausência de pulso, sendo verificado pela compressão de artéria superficial femoral. Outros meios usados para auxiliar são, a perda da coloração da mucosa por privação de fluxo sanguíneo, exiguidade de reflexo de córnea com retração do globo ocular e posteriormente o rigor mortis. Também deve-se responsabilizar para que não ocorra nenhum tipo de impacto ambiental (CFMV, 2012).

Os profissionais da área da saúde, lamentavelmente, se deparam diretamente com a divisão entre a vida e a morte de seus pacientes (FONSECA, 2010). Os médicos veterinários são os únicos responsáveis no momento da tomada de decisão ao realizar o procedimento de eutanásia, portando esses profissionais, juntamente com a equipe envolvida, podem ser afetados por obstáculos morais e emocionais e também sofrerem de efeitos psicológicos negativos, (SCHNEIDER, 1996). Visando isso o conselho federal de medicina veterinária, em seu guia brasileiro de boas práticas de eutanásia em animais, diz que:

Quando animais são submetidos à eutanásia, cria-se um impacto psicológico no ser humano. Visando a minimizar o impacto negativo, a equipe envolvida na execução da eutanásia deve passar por treinamentos continuados, além de receber apoio psicológico e rodízio na atividade de execução (CFMV, 2012, p. 23, 2013).

Embora o ato de eutanásia seja justificado, o mesmo não é livre de efeitos colaterais. Impactos psicológicos podem surgir nos indivíduos envolvidos (ZANETTI, 2009). De maneira geral, a poucos estudos direcionados a como os médicos veterinários lidam com os dilemas éticos e morais da profissão, já que, durante a realização do procedimento de eutanásia, os profissionais se deparam com uma contradição psíquica, em que, passou anos de sua vida dedicando-se aos estudos para salvar a vida dos animais, desta forma realizando-se inteiramente em sua profissão, e por outro lado, se vê realizando um procedimento de eutanásia, podendo sentir culpa e frustração (BRASSIOLI, 2006).

Além da ética profissional e dos valores envolvidos na relação médico-paciente, os profissionais têm obrigações morais com seus clientes-tutores, colegas de profissão, com as obrigatoriedades das regras públicas e deveres com os cuidados e bem estar de seus pacientes. Essas grandes responsabilidades na maioria entram em conflitos, levando a ética da medicina veterinária por um caminho mais difícil. Essa tensão entre veterinários/pacientes e proprietários é relatada como um dos problemas fundamentais na prática da ética médica (MORGAN; MC DONALD, 2007).

Portando, em alguns casos os médicos veterinários, se veem diante de situações complexas, no qual são requeridos por tutores a praticar o procedimento em pacientes sem que exista a necessidade

em relação a saúde do animal, recebendo a denominação de eutanásia por conveniência (BATCHELOR, CREED e MCKEEGAN, 2015).

Segundo Rabello e Sanches (2011), os médicos veterinários não são adequadamente reconhecidos como profissionais da área da saúde, não recebendo o devido respeito a sua formação, e obtendo uma má remuneração pelos seus serviços. Além disso, a crescente humanização dos animais de companhia, gerou uma cobrança maior com relação ao médico veterinário.

Ao decorrer do ofício, os médicos veterinários podem desenvolver fatores estressores interpessoais crônicos, conhecido como síndrome de burnout (THURMON *et al*, 2007). É definida como esgotamento mental crônico, entre profissionais que não são adequadamente tratados, sendo resultado de estresse crônico no local de trabalho, gerando sentimentos de exaustão, de negativismo e redução do êxito profissional (SAÚDE, 2019). Merzel (2019) ainda relata em sua literatura outros sintomas como, dores, apatia, irritabilidade e alterações no sono. Soares (2019), lista alguns dos fatores que podem afetar psicologicamente o médico veterinário:

Médicos Veterinários têm sido acometidos pela Síndrome de Burnout por diversas razões. Condições de trabalho, carga de estudos, dificuldades relacionais e interpessoais, falta de foco, baixa capacidade relacional no ambiente laboral, relação com a dor do animal e da família, eutanásia legalizada, dificuldades sociais, questões psíquicas da formação do profissional, culpa, medo de errar e diversas questões são fatores elencados no desencadeamento desta síndrome (SOARES, 2019, p. 85).

Portando, diante da referência, onde o médico veterinário é exposto diariamente a certas situações, sem qualquer preparo psicológico, conseqüentemente esses indivíduos podem desencadear a síndrome de burnout (PULZ *et al*, 2011).

De acordo Bartram (2008), os médicos veterinários, são os profissionais com maiores índices de suicídio, as chances de mortalidade por esses indivíduos são quatro vezes maior do que da população em geral e duas vezes maior que os outros profissionais da área de saúde. Para Stark *et al* (2010) esses altos índices de suicídio, estão relacionados com: ingresso competitivo ao mercado de trabalho, isolamento social e conflitos éticos que são vivenciados em um procedimento de eutanásia.

Deste modo, autores como Pulz *et al* (2011), diz que muitos profissionais podem desenvolver distúrbios emocionais, e também indiferença pela morte ao longo de sua carreira, recebendo a denominação de dessensibilização, levando a uma insatisfação com o trabalho, podendo ser expressada por agressividade, distrações e falta de cuidado com os animais.

Assim sendo, é importante destacar o envolvimento do médico veterinário para com seu paciente que por sua vez pode ser intensa, pois esta interatividade de sentimentos ocorrem de maneira espontânea e natural durante a rotina clínica (PULZ *et al*, 2011). Por conseguinte, a experiência em

procedimentos que envolvam a morte de seus pacientes, provoca um desgaste emocional nos indivíduos envolvidos, acarretando desgastes físicos e psicológicos (BRASSIOLI, 2006). Portanto, a eutanásia de animais de companhia, é um cenário estressante tanto para os tutores, quanto para os profissionais médicos veterinários, responsáveis pelo ato (REBUELTO, 2008)

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Se trata de uma pesquisa exploratória, de caráter indutivo, com coleta de dados através de questionário estruturado pela plataforma google forms, contendo 11 perguntas, no qual foi aplicado aos profissionais médico veterinários que prestam atendimento em clínicas na região central do município de Cascavel/PR, totalizando desta maneira 9 clínicas.

O questionário aborda questões relacionadas ao tema da eutanásia, com ênfase na saúde psíquica dos indivíduos envolvidos no procedimento. Ao final da pesquisa os dados obtidos foram analisados, discutidos e comparados com a literatura existente sobre o assunto.

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao fim da pesquisa foram recebidos 13 respostas do questionário semi-estruturado, sendo primeiramente analisadas e ordenadas. O Gráfico 1 abaixo apresenta as respostas sobre as diretrizes do Conselho Federal de Medicina Veterinária sobre o tema.

Gráfico 1 – Você tem conhecimento sobre as diretrizes do CFMV para conduta de eutanásia?



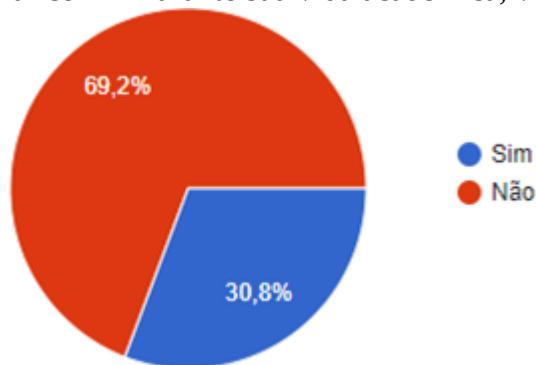
Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os profissionais avaliados 100% afirmaram ter o conhecimento das diretrizes do Conselho Federal de Medicina Veterinária sobre a realização do método de eutanásia. Porém Dutra Azevedo (2015) afirma que os médicos veterinários não estão totalmente familiarizados com as

diretrizes do CFVM em condutas de eutanásia, desconhecendo as formas de desgaste emocional e protocolos corretos para realização do procedimento, afirmando falta de preparo em lidar com questões éticas e dilemas profissionais.

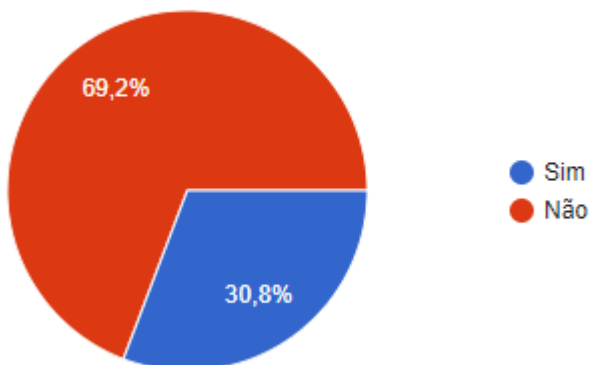
O Gráfico 2 e 3 apresentam o conhecimento sobre o treinamento sobre os procedimentos de eutanásia aprendidos na faculdade e na vida profissional.

Gráfico 2 – Durante sua vida acadêmica, você recebeu treinamento para a realização de eutanásia?



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 3 – Durante sua vida acadêmica, você recebeu treinamento de como se comportar durante o procedimento de eutanásia ou como aborda o tutor para realização do método



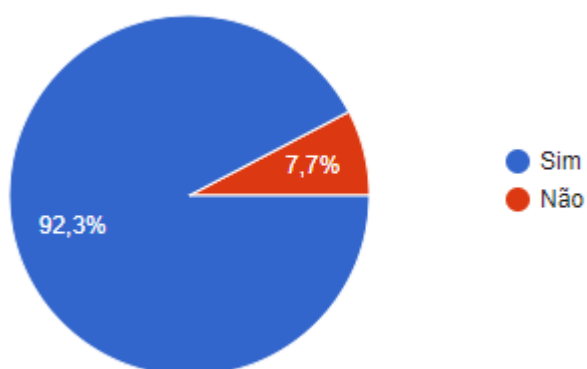
Fonte: Dados da pesquisa.

Ambos os gráficos (2 e 3), apresentaram o mesmo percentual de resposta, quando perguntado, se durante a vida acadêmica os profissionais obtiveram treinamentos de como realizar o método de eutanásia e de como se comportar durante o procedimento ou de como aborda o tutor, a grande maioria, 68,2% diz não ter recebido o mesmo e 30,8% dos entrevistados responderam que receberam ambos os treinamentos. Dutra e Azevedo (2015) ressaltam que a eutanásia não faz parte da formação acadêmica dos médicos veterinários, para eles:

Faltam habilidade e competência para lidar com más notícias, dar apoio emocional ao proprietário, monitorar e avaliar a qualidade de vida, auxiliar na decisão da eutanásia, discutir protocolo e procedimento, bem como as opções de cuidado com o corpo do animal após o óbito (DUTRA; AZEVEDO, 2015, p. 80).

Para Siqueira (2004) durante a vida acadêmica do médico veterinário, ele é preparado para assistir o fim da vida como o seu maior adversário, que sempre deve ser combatido. Os médicos veterinários não recebem um treinamento adequado de como lidar com o luto, ao longo de sua graduação. Não conseguindo lidar, muitas vezes, com as problemáticas que, em grande parte, a sociedade lida com dificuldades com a morte, e para o médico veterinário o suporte para com o tutor no momento do luto acaba não sendo uma obrigação. Mesmo a morte fazendo-se parte da rotina do médico veterinário, não se diferindo de um protocolo de vacinação, anamnese ou uma cirurgia, o ensino superior não oferece disciplinas que estão voltadas a ensinar a como lidar com o luto. Portanto o médico veterinário não tem apoio emocional nestes momentos, não conseguindo oferecer amparo aos seus clientes no momento, ou muitas vezes deduzem que o tutor irá ficar bem ou até mesmo que o indivíduo não tem um perfil de quem sofreria pelo seu animal. Diante disto, os profissionais também podem se sentir responsabilizados pela morte do animal, podendo gerar um sentimento de fracasso (CARVALHO, 2017). Fernandez-Mehler *et al* (2013) relatam que em alguns momentos os médicos veterinários possuem dificuldades em identificar quais tutores demandam de um suporte emocional especial.

Gráfico 4 – Você, como médico veterinário, realiza eutanásia em sua rotina clínica?

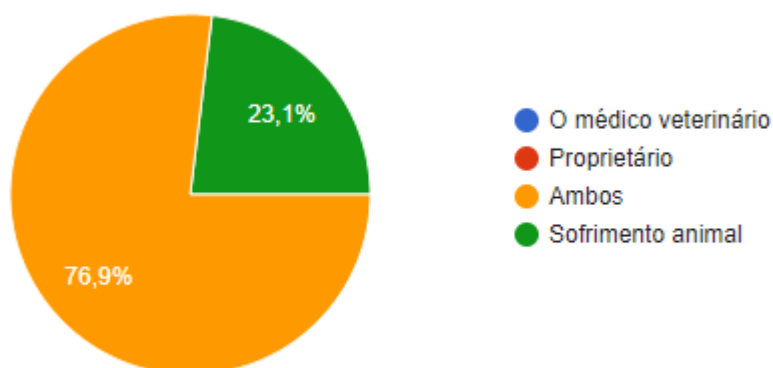


Fonte: Dados da pesquisa.

Quando perguntado sobre a realização de eutanásia durante a rotina clínica, 92,3% dos profissionais responderam que realizam o procedimento de maneira rotineira e 7,7% afirmaram não realizar o mesmo. Os resultados obtidos no gráfico corroboram com Mcculloch *et al* (1992) que em média o clínico veterinário realiza uma eutanásia a cada 50 pacientes examinados. Segundo Naurath

(2015), a eutanásia é um procedimento de alta casuística na rotina clínica, sendo necessário maior aperfeiçoamento e análise, sobre os vários conflitos éticos presentes, quando se envolve o assunto.

Gráfico 5- Em sua opinião, quem deve decidir o momento de realizar eutanásia no paciente

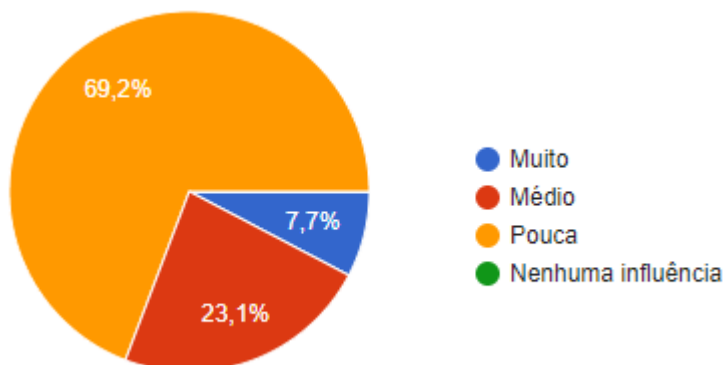


Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados obtidos no gráfico 5, foram que 76,9% dos profissionais afirmaram que a decisão da eutanásia deve ser tomada por ambas as partes, o médico veterinário juntamente com o tutor do paciente e 23,7% responderam que apenas o sofrimento do animal deve decidir o momento da realização do procedimento. Os resultados da pesquisa vão de acordo com Verdeal (2012) que afirma que a tomada de decisão compartilhada entre o médico veterinário e tutor, tomando o papel de representante legal, deve procurar definir uma estabilidade entre as informações técnicas, posicionamentos médicos e valores e desejos do paciente. Visando um processo decisivo em conjunto e considerando a similitude entre a prática da medicina humana e veterinária, tornando a eutanásia uma decisão compartilhada.

Segundo Naurath (2015), o animal não tem capacidade de tomada de decisão, sendo assim o tutor será considerado seu representante legal. Portanto esse modelo de julgamento por substituição é usado na medicina humana, no qual o representante assume a tomada de decisão que o paciente certamente tomaria. Essas atitudes se baseiam no conhecimento adquirido pelo convívio íntimo, reproduzindo com exatidão a vontade do paciente. Mediante a isso, o proprietário do paciente se torna o seu representante, onde as tomadas de decisões deveriam seguir uma direção semelhante.

Gráfico 6- Quanto a condição econômica do tutor lhe influencia na tomada de decisão?

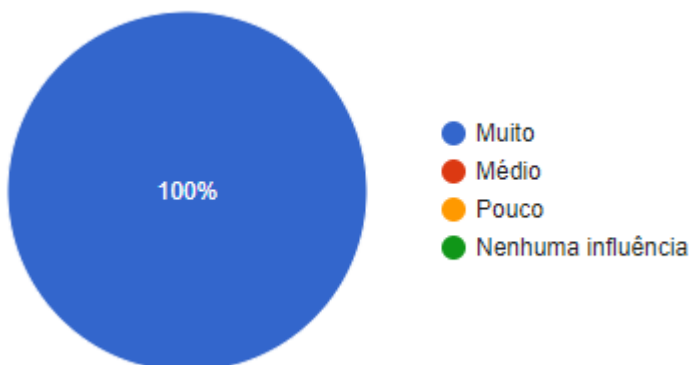


Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto a condição econômica do tutor afeta na tomada de decisão, 62,2% responderam sofrer pouca influência, 23,1% média e 7,7% dos profissionais afirmaram que o fator econômico gera muita interferência. De acordo com Naurath (2015), mesmo que a condição econômica do tutor não afete no momento da tomada de decisão da eutanásia, este fator pode gerar um conflito profissional, levando a um problema bioético. Já que o CFMV (2012) diz que em sua resolução que, o fator aquisitivo do tutor para com a manutenção da vida do paciente deve ser considerado.

Para Kassem et al (2015) essa resolução não estabelece valores de custos que seriam vistos como incompatíveis e quem seria os indivíduos responsáveis pela decisão da eutanásia em situações como estas. Colaborando com os dilemas e conflitos éticos dessa classe profissional. Notavelmente a eutanásia é um fator amplamente estressante para os profissionais, se agravando em situações de solicitação para eutanásia de animais de companhia indesejáveis ou por conveniência do próprio tutor (MANETTE, 2004)

Gráfico 7- Quanto o sofrimento do seu paciente lhe influencia na tomada de decisão?



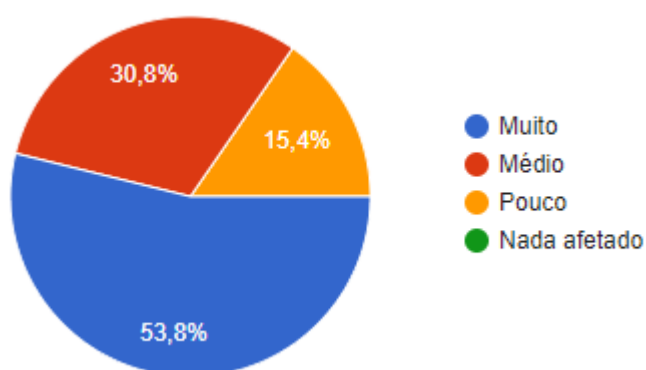
Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados do gráfico 7 evidenciaram que 100% dos profissionais entrevistados recebem muita influência com relação ao sofrimento do seu paciente no momento de indicarem o

procedimento de eutanásia. Para Santos (2017) a qualidade de vida do paciente, portando o seu bem estar, deve ser muito bem avaliado desde o momento da indicação do procedimento de eutanásia, até a realização do mesmo. Sendo necessário o esclarecimento ao tutor, dos meios terapêuticos que estão atualmente sendo administrados, estabelecendo desta maneira sua eficácia a curto, médio e longo prazo. A eutanásia se diferencia entre ativa e passiva, no qual a ativa se caracteriza pelo ato de efetuar a morte do paciente, sem sofrimento e com consentimento do seu tutor. Já a passiva ou ortatanásia, seria a ação de suspender o tratamento, conseqüentemente abreviando sua morte e sofrimento, também devendo ser realizada com autorização (MARTINS; FACHINI, 2013). A distanásia, é um outro conceito da eutanásia, sendo definida pelo oposto das anteriores. Em que ocorre o prolongamento da vida do paciente, acarretando sofrimento, portanto, relaciona-se a uma morte defeituosa por persistência terapêutica (TORRES *et al*, 2013). Não achei

De acordo com Sandoe (2016), os médicos veterinários frequentemente, necessitam buscar o meio termo entre os dois extremos das discussões, em manter o animal vivo, com qualidade de vida, até onde a medicina veterinária fornece meios para isso e por parte do tutor que almeja tudo que for humanamente possível seja feito para o seu animal. Tendo assim, ambas as situações fortalecem a discussão, podendo prolongar os sofrimento do indivíduo, em que o tratamento já não mais alivia sua dor e ânsia.

Gráfico 8- Quanto você se sente afetado psicologicamente durante a realização do procedimento?



Fonte: Dados da pesquisa.

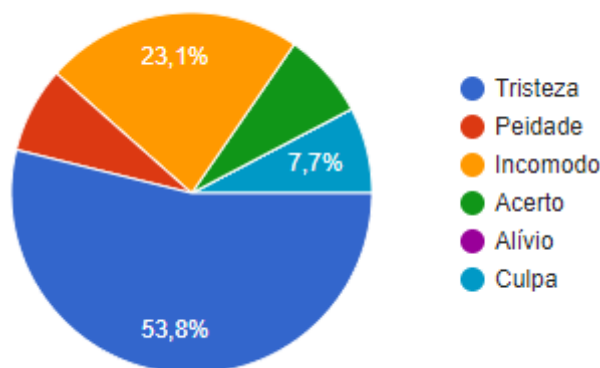
Quando questionado aos profissionais entrevistados, sobre o quão afetado psicologicamente durante a realização do procedimento, 53,8% afirmaram se sentirem muito afetados, 30,8% responderam medianamente abalados pelo procedimento de eutanásia e 15,4% responderam se sentirem pouco afetados. Segundo Pulz (2011), após o procedimento podem surgir sentimento de impotência por não poder tratar o paciente e também aumentando a percepção de suas limitações profissionais. De acordo com Carvalho (2017) é inelutável que o médico veterinário crie laços com

seu paciente, citando exemplos onde o paciente é tratado por anos pelo mesmo profissional ou equipe. Mediante a isso, o vínculo deve ser levado em consideração no momento da morte deste animal. Também ressalta a importância do profissional em buscar suporte emocional dentro da equipe, procurando sempre estar atentos aos seus próprios sentimentos.

O Conselho Federal de Medicina Veterinária juntamente com o Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal determinam que:

A exposição constante dos técnicos ao procedimento de eutanásia pode afetá-los psicologicamente sob diversas formas. Causar a morte de animais é difícil do ponto de vista psíquico, particularmente quando ocorre de forma frequente e resulta no envolvimento do executor com os animais. As circunstâncias mais comuns do efeito emocional da eutanásia nas pessoas se caracterizam quando há necessidade de causar a morte de um grande número de animais e de forma repetida. Alguns indivíduos podem estabelecer mecanismos psíquicos de defesa, de modo a reduzir a empatia e o respeito no manuseio dos animais, podendo outros experimentar um sentimento de pesar e tristeza pela perda da vida. Os envolvidos não devem trabalhar sob pressão ou estar obrigados a praticar a eutanásia (CONCEA, 2013a, p.4).

Gráfico 9 – Quais os sentimentos mais comuns que você sente ao realizar o procedimento?



Fonte: Dados da pesquisa.

A respeito de quais os sentimentos mais comuns experimentados ao realizar o procedimento foram, 53,8% afirmaram sentirem tristeza, 23,1% incomodados e 7,7% responderam vivenciar a culpa. Segundo a literatura de Pulz *et al* (2011) os principais sentimentos apresentados pelos profissionais são: impotência, tristeza, compaixão, alívio cessar o sofrimento do animal, insegurança, frustração e responsabilidade, juntamente com sinais físicos e psíquicos vivenciados de acordo com a rotina. Também pode-se ter sintomas como, ansiedade, irritabilidade, angústia, cansaço com aumento dos índices de depressão. Ressaltando ainda que os profissionais em sua graduação vivenciam apenas que apenas a cura e a vida são valorizadas.

Causar a morte de um animal do ponto de vista psicológico é difícil, pois existem pessoas que são mais sensíveis e que acabam se envolvendo emocionalmente em um grau maior com relação as

demais, portando de maneira geral esse envolvimento e interação entre médico veterinário e paciente não humano (NAURATH, 2015). A medicina é uma profissão que coloca os indivíduos de frente com seus conflitos mais profundos, mediante a isto, o profissional está sujeito a pressão, desgaste profissional, se encontrando em situações que estão intimamente ligadas à dor de seu paciente. Podendo desta maneira perde o equilíbrio da sua própria saúde mental (MACHADO, 1997).

Brassioli (2006) destaca a eutanásia como um sofrimento psíquico, afirmando a importância de pesquisas sobre o tema abordado, com foco na saúde do indivíduo que está diretamente ou indiretamente envolvido nesta prática. Pultz *et al* (2011) também salienta a falta de estudo ligados a medicina veterinária para com o profissional da área.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou levantar dados sobre os transtornos psicológicos que os médicos veterinários enfrentam no momento de realizar o método de eutanásia juntamente aos dilemas éticos e morais que os mesmo encaram-se para realizar tal procedimento

Como resultados mais relevantes considera-se que os profissionais da área de clínica médica veterinária, em sua maioria realizam eutanásia em sua rotina, no qual ficou esclarecido que os mesmos se sentem afetados psicologicamente, sendo apresentado a tristeza e culpa como os sentimentos mais enfatizados que ao decorrer da profissão podem desencadear desgastes emocionais ligado a sinais físicos.

Conclui-se então que a maioria dos médicos veterinários entrevistados declaram-se sentir tristeza e psicologicamente afetados ao realiza-se o procedimento de eutanásia. Durante a realização da pesquisa, foi possível notar que existem poucos estudos a respeito do impacto da eutanásia na rotina profissional e pessoal. Este estudo limitou-se a entrevistar médicos veterinários da cidade de Cascavel/PR, porém o tema voltado a saúde psicológica é amplo e pode suscitar novas pesquisas com objetivo de investigar o esgotamento emocional em novas cidades.

REFERÊNCIAS

ACKEL FILHO, D. **Direito dos animais**. São Paulo: Themis, 2001.

Aragão, J. (2012). **Guia Brasileiro de Boas Práticas em Eutanásia em Animais: Conceitos e Procedimentos Recomendados**. Brasília, Brasil: CRMV

AVMA Panel on euthanasia. JAVMA, v.218, n.5, 2001. BAHR, E. S.; MORAIS, H. A. Pessoas imunocomprometidas e animais de estimação. **Clínica Veterinária**, v. 30, p.17-22, 2001.

BARTRAM, D.J. Baldwin, D.S. Veterinary surgeons and suicide: influences, opportunities and research directions. **Veterinary Record**, v.162, p. 36-40, 2008.

BRASSIOLI, S.R.A. Sofrimento psíquico no trabalho: **ensaio de reflexão sobre sentimentos de trabalhadores em relação à eutanásia animal**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo Faculdade de Saúde Pública, 2006.

BATCHELOR, C.E; M MC KEEGAN, D.E.F. Survey of the frequency and perceived stressfulness of ethical dilemmas encountered in UK veterinary practice. **Veterinary Record**, v. 170, p. 19, 2012.

BEKOFF, M. **A vida emocional dos animais – alegria, tristeza e empatia nos animais**. Um estudo científico capaz de transformar a maneira como os vemos e os tratamos. São Paulo: Cultrix, 2010.

CARVALHO F, A. Manejo do luto na clínica veterinária. **Boletim Apamvet**. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE CONTROLE DE EXPERIMENTAÇÃO ANIMAL – CONCEA. **Portaria MCTI nº 596**, de 25 de junho de 2013. Aprova as Diretrizes da Prática de Eutanásia do CONCEA. Diário Oficial da União, Brasília, D.F., 17 de julho de 2013. Seção 1, p.5. 2013b

CFMV. **Resolução Nº 1.000** de 11 de maio de 2012. **Conselho Federal de Medicina Veterinária** - Dispõe Sobre Procedimentos e Métodos de Eutanásia Em Animais e Dá Outras Providências. 2012.

FARACO, Ceres Berger. Interação Humano-Animal. **Ciência veterinária nos trópicos**. Recife, v. 11. p. 31-35, abril, 2008.

FONSECA, R.D. et al. Garrotilho e mormo em equídeos - Revisão de literatura. **PUBVET**, v. 4, n. 38. 2010.

GARCIA, Gabriela. No Brasil, zooterapia ainda é incipiente. **Viver Mente e Cérebro**, n. 152, set. 2005.

HOROWITZ, A. **A cabeça do cachorro**. Rio de Janeiro, 2010: Best-Seller.

KASSEM, I. G. et al. Tratamento animal versus renda do proprietário. **Revista Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília, D.F., Ano 21, n. 66, p. 42-46, jul./set. 2015.

LUNA, S. P. L.; TEIXEIRA, M. W. Eutanásia: considerações éticas e indicações técnicas. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Brasília/DF-Ano XIII, 41, p. 60-69, 2007.

MACHADO, M. H. **Os médicos no Brasil, um retrato da realidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

MANETTE C. S. A reflection on the ways veterinarians cope with the death, euthanasia, and slaughter of animals. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 225, n. 1, p. 34-38, 2004.

MANNUCCI, A. Fazendo amigos. **Viver Mente e Cérebro**, n. 152, set. 2005.

- MCCULLOCH, M. J. Ligação entre seres humanos e animais e a eutanásia – Um problema especial. In: ETTINGER, S. J. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. São Paulo: Manole, p. 249-254, 1992.
- MARTINS, M. F.; POSCRUZZI, P. A. P.; SANTOS, J. P. F.; BRUNCTTO M. A.; FRUCHI, V. M.; CIARI, M. B.; ZOPPA, L. M. Grau de apego dos proprietários com animais segundo a Escala Lexington Attachment to Pets. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 50, n. 5, p 364-369. 2013.
- MERZEL, A. M. **Síndrome de Burnout**. 2019.
- MORGAN, C.A.; McDONALD, M. Ethical Dilemmas in Veterinary Medicine. **VetClin Small Anim Practice** v.37, p.165-179, 2007
- PAIXÃO, R, L. **Experiência animal: razões e emoções para uma ética**. Fundação Osvaldo Cruz, escola nacional de saúde pública. 2001, p 215
- PULZ, R. S. *et al.* A eutanásia no exercício da medicina veterinária: aspectos psicológicos. **Veterinária em Foco**, Canoas, v. 9, n. 1, p. 88-94, jul./dez, 2011.
- RABELO, R.C.; SANCHES, J.F. Journal LAVECC, v.3, n. 4, p.286-300, 2011.
- REBUELTO, M. Ethical Dilemmas in Euthanasia of Small Companion Animals. The Open Ethics **Journal Pharmacology**, v.2, p. 21-25, 2008.
- SAÚDE, Organização Pan Americana da, **Burnout é um fenômeno ocupacional**. 2019
- SANDOE, P.; CORR, S.; PALMER, C. **Companion Animal Ethics**. Chichester: Wiley Blackwell, 2016.
- SOARES, Carla Abreu. **O samurai e o médico veterinário**: Uma obra profunda e linda sobre o inconsciente coletivo do sistema veterinário. Brasília: Uniceub, 2019.
- SCHNEIDER, BJ. Euthanasia and the veterinarian. **Can Vet J**. v. 37, n. 4, p. p. 217-218, 1996.
- STARK, C.; DOUGALL, N. Effect os attitudes to euthanasia on vets’ suicide risk. **The Veterinary Record**, Londres, p. 172-173, ago. 2012.
- THURMON, J. C. *et al.* Euthanasia. In: LUMB & JONES’ Veterinary Anesthesia, 4.ed. Pensylvania: Lea & Febiger, 2007.
- VERDEAL, JCR. **O processo de tomada de decisão para procedimentos invasivos em pacientes não cognitivos**: uma perspective bioética. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2012.